

## **“A NOVA EVANGELIZAÇÃO” SEGUNDO O SÍNODO DOS BISPOS (OUTUBRO 2012) E A SUA RESSONÂNCIA NA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO “A ALEGRIA DO EVANGELHO” (NOVEMBRO 2013).**

Prof. Salvador PIÉ-NINOT, Facultat de Teologia de Catalunya (Barcelona) e Pontificia Università Gregoriana (Roma), perito sinodal.

### **I - “A NOVA EVANGELIZAÇÃO” SEGUNDO O SÍNODO DOS BISPOS (OUTUBRO 2012)**

#### **Primeira parte: UM AMPLO PANORAMA DA GRANDE MUDANÇA CULTURAL PRESENTE (7-17.X)**

Este Sínodo dos Bispos, a que assistiram mais de 300 bispos representantes dos diferentes episcopados, além de uma delegação dos Provinciais das Congregações Religiosas e diversos convidados, acompanhados por mais de 40 peritos, começou com umas informações continentais e múltiplas intervenções individuais, que de forma muito unânime manifestaram uma consciência forte e crescente da *grande mudança cultural* que se está a verificar no mundo actual na sua relação com a fé cristã e a Igreja. Entre os pontos principais destacaram-se a secularização e o relativismo dominantes, juntamente com o eclipse progressivo de Deus e a emergência da laicidade, tanto no sentido positivo, entendida como autonomia do temporal e respeitosa para com o fenómeno religioso, como laicidade no sentido negativo, de cariz anti-religioso e agressivo, presente ainda em certos ambientes e países.

Neste contexto se apresentou o conceito de *Nova Evangelização*, tal como foi introduzido por João Paulo II e usado por Bento XVI ao criar o “Pontifício Conselho para a Nova Evangelização”. Para o compreender convém ter presente os três aspectos que comporta o conceito de Evangelização: em primeiro lugar (1), *a pastoral ordinária e habitual de evangelização*; em segundo lugar (2), *a que comporta o anúncio específico aos que não conhecem Jesus Cristo (ou a missão aos gentios e às ‘Missões’)* e, em terceiro lugar (3), *a chamada nova evangelização orientada para as pessoas que mesmo sendo baptizadas, se afastaram da Igreja e vivem sem ter presente a praxis cristã*. Obviamente esta última orientação, conhecida especificamente como “Nova Evangelização”, não deve diminuir as outras duas: nem o impulso ‘missionário’ manifestado no anúncio de Jesus Cristo àqueles que ainda não o conhecem (missão aos gentios), nem tampouco deve diminuir a actividade ordinária de evangelização nas nossas comunidades cristãs. Por isso, disse Bento XVI na Missa inicial, que: **“os três aspectos da única realidade da evangelização completam-se e fecundam-se mutuamente”**.

Contudo, a chave de leitura da grande maioria das intervenções sinodais centrou-se no conceito geral de Evangelização, como missão fundamental da Igreja, na linha da Encíclica de Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi* (1975). Documento que continua sendo um eixo decisivo sobre este tema, ao reler a perspectiva eclesial missionária do Vaticano II com uma palavra nova para a tradição católica naquele momento, como é o conceito amplo de “Evangelização”. Desta forma, emergiu uma concepção complementar da *Nova Evangelização*, já anunciada também por João Paulo II, que mais do que centrar-se nos baptizados afastados, sublinha igualmente com força *a nova forma e o novo ardor* necessários hoje para anunciar e testemunhar Jesus Cristo na vida diária do nosso mundo, e acentuar assim a sua permanente ‘novidade’.

#### **Segunda parte: PARA UMA SÍNTESE: “A SAMARITANA” COMO SÍMBOLO (18-28.X)**

##### **1 - O TRABALHO DO SÍNODO**

Foi uma etapa muito viva e dinâmica com onze grupos linguísticos para redigir *Proposições* operacionais a apresentar ao Papa, para que as possa ter presentes na Exortação Apostólica

correspondente a este Sínodo, que costuma publicar-se um ano e meio após a sua conclusão (neste caso “A Alegria do Evangelho” de 24.XI.2013). Por outro lado, nesta etapa redige-se em comissão e aprova-se em assembleia plenária a *Mensagem ao Povo de Deus* sobre o tema do Sínodo, que tem a missão de apresentar as suas grandes questões num texto pensado para todo o mundo na forma de manifesto público e que por isso se converte na melhor síntese comunicativa do Sínodo.

Por isso, se algum resumo significativo se pode fazer deste Sínodo sobre a Nova Evangelização, este está precisamente no precioso símbolo-síntese que introduz a “Mensagem ao Povo de Deus” baseada na *narração da Samaritana e o seu encontro com Jesus*. Com efeito, este Sínodo deu-se conta da situação de “desertificação espiritual do nosso mundo” (Bento XVI na sua comovente homilia do dia do 50º aniversário do início do Concílio Vaticano II), – como a narrativa da Samaritana – e, por sua vez, deu-se conta das diversas ânsias de sede, especialmente de sentido, presentes em todo o lado. O encontro pessoal com Jesus Cristo, descoberto só no final da narração da Samaritana, mudou a sua vida e tornou possível que o anunciasse. Por esta razão, esta narrativa evangélica, convertida em símbolo, é a *melhor síntese da experiência deste esperado Sínodo* que partiu de uma ampla consciência da necessidade que tem a missão evangelizadora de toda a Igreja de uma mudança e de uma séria adaptação às novas situações do nosso mundo, e é a partir daqui que surge a expressão de *Nova Evangelização*, dirigida particularmente aos batizados afastados da fé, mas também concebida como um novo ardor, uma nova força e novos métodos para evangelizar hoje!

De facto este Sínodo, na prática, privilegiou esta última compreensão da Nova Evangelização como *novo ardor, nova força e novos métodos* na missão fundamental da Igreja, e isto pode-se ver nas 58 *Proposições* votadas pelo Sínodo que se apresentaram ao Papa. Daí, que a característica mais própria deste Sínodo está na consciência viva e generalizada, posta em evidência, de que estamos perante um momento fortemente novo, e de que faz falta afrontá-lo com lucidez para que o anúncio e o testemunho do Evangelho sejam de novo uma Boa Nova para todo aquele que esteja aberto para a acolhê-la. Tudo isto, este Sínodo o viveu com intensidade a partir da escuta do eco das distintas igrejas de toda a comunidade Católica - com mais de 270 intervenções dos padres sinodais - e no final tentou iniciar alguns passos mediante a formulação de 58 proposições, orientadas muitas delas para melhorar, para realizar com novo ardor e com novos métodos a nossa pastoral ordinária, apontando e esboçando alguns elementos do que terá de ser progressivamente aquela *Nova Evangelização* que responda à nova realidade em mudança, secularizada e pluralista, em que vivemos. Por isso, o grande símbolo-síntese deste Sínodo oferecido pela *Mensagem ao Povo de Deus*, dirigido a toda a Igreja, é a imagem da Samaritana, no deserto, em busca da água viva, com a possibilidade de se encontrar com o Senhor, de mudar de vida, e de dar testemunho... E por isso é a sua melhor herança para nós e para compreender a Nova Evangelização!

Nesta linha, note-se as finas precisões do Papa Bento XVI na sua homilia final onde sublinha que para além do fortalecimento da pastoral ordinária ‘tradicional’, a *Nova Evangelização* comporta também uma ‘criatividade pastoral’ relevante, com estas palavras: “além dos métodos pastorais tradicionais, sempre válidos, a Igreja tenta utilizar também *métodos novos*, usando igualmente *novas linguagens, apropriadas às diferentes culturas* do mundo, propondo a verdade de Cristo com uma *atitude de diálogo e de amizade* que tem como fundamento Deus que é Amor. Em várias partes do mundo, a Igreja já empreendeu este caminho de *criatividade pastoral, para se aproximar das pessoas afastadas e em busca do sentido da vida, da felicidade e, em definitivo, de Deus*”. Neste sentido, o mesmo Bento XVI enumerou os seguintes exemplos: “As Missões cidadinas” (em dez grandes cidades da Europa 2012/2013), “O Átrio dos gentios” (realizado em múltiplas dioceses de todo o mundo) e “A Missão Continental” (própria da América Latina promovida pelo CELAM)...”.

## II - AS 58 PROPOSIÇÕES SINODAIS: as mais significativas em chave de Nova Evangelização

Pode-se realçar que as 58 proposições têm um denominador comum: *propor algum ponto para reforçar com mais ardor algum dos aspectos habituais da missão ordinária evangelizadora da Igreja* (liturgia, missão, caridade, testemunho, serviço...). Os aspectos mais significativos trazidos aqui são só aqueles que apresentam uma certa novidade pela sua *formulação nova* e incorporam uma certa teologia de fronteira e de diálogo, em chave teológico-fundamental:

- 5: atenção aos “sinais dos tempos” e às mudanças do nosso mundo.
- 7: unidade dos três aspectos da Evangelização: a) a ordinária, de crescimento na fé; b) o anúncio aos que não conhecem Jesus Cristo; c) a Nova Evangelização dos batizados afastados: tudo para um novo Pentecostes.
- 8: auto-compreensão da Igreja como um “pequeno rebanho” (Lc 12,32).
- 9: importância da primeira proclamação da fé cristã – *kerygma* - e de um breve elenco do seu conteúdo.
- 12: reafirmação do Concílio Vaticano II, seguindo a interpretação do Papa Bento, como um concílio de “reforma dentro da continuidade” (solene celebração em 11 de Outubro do 50º aniversário do seu início).
- 17: aprofundar a relação entre fé e razão, com os ‘preâmbulos da fé’ ou condições da sua possibilidade; necessidade de uma teologia da credibilidade e uma forma nova de apologetica (como resposta não polémica, mas como proposição).
- 20: a beleza como via para a nova evangelização: “amamos aquilo que é belo”, disse Santo Agostinho.
- 22: necessidade de auto-conversão dos próprios bispos, pedindo também perdão.
- 25: atenção às grandes cidades e áreas metropolitanas como lugares humanamente complexos e desafiantes.
- 29: proposta de que os bispos locais possam instituir um ministério do catequista.
- 36: redescobrir a dimensão também contemplativa da evangelização.
- 47: importância de uma formação adequada aos diferentes destinatários (jovens, agnósticos, anciãos...).
- 48: utilidade do YOUCAT.
- 52: testemunho ecuménico da celebração do 50º aniversário do Concílio Vaticano II, com a presença do Patriarca Ecuménico de Constantinopla e do Arcebispo primaz de Inglaterra, unido a outras confissões cristãs.
- 53: importância do diálogo inter-religioso com uma atenção particular e ‘delicada’ para com o Islão
- 55: o Átrio dos Gentios, modelo do diálogo fé/cultura; as instituições educativas podem promovê-lo.

## III - MENSAGEM AO POVO DE DEUS (26.X.2012) [fragmentos-síntese]

### 1. Como a samaritana no poço

Deixamo-nos iluminar por uma página do Evangelho: *o encontro de Jesus com a mulher samaritana* (cf. Jo 4, 5-42). Não há homem ou mulher que na sua vida, como a mulher de Samaria, não se encontre junto a um poço com uma bilha vazia, com a esperança de saciar o desejo mais profundo do coração, aquele que só pode dar significado pleno à existência. Hoje são muitos os poços que se oferecem à sede do homem, mas convém fazer discernimento para evitar águas contaminadas. É urgente orientar bem a busca, para não cair em desilusões que podem ser ruinosas.

Como Jesus, no poço de Sicar, também a Igreja sente o dever de sentar-se junto aos homens e mulheres do nosso tempo, para tornar presente o Senhor nas suas vidas, de modo que possam encontrá-lo, porque só Ele é a água que dá a vida verdadeira e eterna. Só Jesus é capaz de ler até ao mais profundo do coração e revelar-nos a nossa verdade: “*Disse-me tudo o que fiz*”, conta a mulher aos seus vizinhos. Esta palavra de anúncio – à qual se une a pergunta que abre à fé: “*Será Ele o Cristo?*” - mostra que quem recebeu a vida nova do encontro com Jesus, por sua vez não pode fazer menos que converter-se em anunciador da verdade e da esperança para com os demais... Do acolhimento do testemunho as pessoas passarão depois à experiência directa do encontro: “*Já não acreditamos pelo que tu disseste; nós mesmos o ouvimos e sabemos que Ele é verdadeiramente o Salvador do mundo*”.

### 2. Uma nova evangelização

Conduzir os homens e as mulheres do nosso tempo para Jesus... As mudanças sociais e culturais chamam-nos, contudo, a algo novo: a viver de um modo renovado a nossa experiência comunitária de fé e o anúncio, mediante uma evangelização “*nova no seu ardor, nos seus métodos, nas suas expressões*” (Discurso ao CELAM, 9 de Março de 1983) como disse João Paulo II. Uma evangelização dirigida, como recordou Bento XVI, “*principalmente às pessoas que, tendo recebido o baptismo, se afastaram da Igreja e vivem sem referência alguma à vida cristã [...], para favorecer nestas pessoas um novo encontro com o Senhor*” (Homilia, Roma 7 de Outubro de 2012).

### 6. Reconhecer no mundo de hoje novas oportunidades de evangelização

Esta serena coragem sustém também o nosso olhar sobre o mundo contemporâneo. *Não nos sentimos atemorizados pelas condições do tempo em que vivemos... A secularização e a crise do primado da política e do Estado pedem à Igreja o*

repensar a sua própria presença na sociedade... As muitas e sempre novas formas de pobreza abrem espaços inéditos ao serviço da caridade: a proclamação do Evangelho compromete a Igreja a estar ao lado dos pobres e partilhar com eles os seus sofrimentos, como o fazia Jesus. Também nas formas mais duras de ateísmo e agnosticismo podemos reconhecer, ainda que de forma contraditória, não um vazio, mas uma nostalgia, uma espera que requer uma resposta adequada...

### **7. Evangelização, família...**

Hoje a família, que se constitui com o matrimónio de um homem e de uma mulher que os torna “*uma só carne*” (Mt 19,6) aberta à vida, é atravessada por todos os lados por factores de crise, rodeada de modelos de vida que a penalizam, esquecida pelas políticas da sociedade, da qual é célula fundamental, nem sempre respeitada nos seus ritmos nem apoiada nos seus esforços pelas próprias comunidades eclesiais. Precisamente por isto, somos levados a afirmar que temos de desenvolver um especial cuidado pela família e pela sua missão na sociedade e na Igreja, criando itinerários específicos de acompanhamento antes e depois do matrimónio...

A nossa reflexão dirigiu-se também às situações familiares e de convivência nas quais não se mostra a imagem de unidade e de amor para toda a vida que o Senhor nos ensinou. Há casais que convivem sem o vínculo sacramental do matrimónio; proliferam situações familiares irregulares construídas sobre o fracasso de matrimónios anteriores: acontecimentos dolorosos que se reflectem inclusive sobre a educação na fé dos filhos. Queremos dizer a todos eles que o amor de Deus não abandona ninguém, que a Igreja os ama e é uma casa acolhedora com todos, que continuam sendo membros da Igreja... Que as comunidades católicas estejam abertas a acompanhar quantos vivem estas situações...

### **8. A comunidade eclesial e os diversos agentes da evangelização**

A obra da evangelização não é trabalho exclusivo de alguém na Igreja mas do conjunto das comunidades eclesiais... Nesta perspectiva emerge sobretudo o papel da paróquia como... “fonte da vila”, como lhe gostava de chamar João XXIII, em que todos podem beber encontrando a frescura do Evangelho.

Olhando os leigos, uma palavra específica dirige-se às várias formas de associação, antigas e novas, junto com os movimentos eclesiais e as novas comunidades. Todas elas são expressões da riqueza dos dons que o Espírito entrega à Igreja. Também a estas formas de vida e compromisso na Igreja expressamos a nossa gratidão, exortando-as à fidelidade ao próprio carisma e à plena comunhão eclesial, de modo especial no âmbito das Igrejas particulares...

### **9. Para que os jovens possam encontrar-se com Cristo**

Sentimo-nos próximos dos jovens de um modo muito especial... O olhar dos bispos para eles é tudo menos pessimista. Preocupado, sim, mas não pessimista. *Preocupado* porque é precisamente sobre eles que vêm confluir os embates mais agressivos destes tempos; *não pessimista*, contudo, sobretudo porque, sublinhamos, o amor de Cristo é que move as profundezas da história e além disso, porque descobrimos nos nossos jovens aspirações profundas de autenticidade, de verdade, de liberdade, de generosidade, das quais estamos convencidos que só Cristo pode ser resposta capaz de os saciar.

### **11. No ano da fé, a memória do Concílio Vaticano II e o Catecismo da Igreja Católica**

No caminho da nova evangelização poderemos sentir-nos por vezes como num deserto, no meio de perigos e privados de referências. O Papa Bento XVI falou de uma “*desertificação espiritual*” que avançou nestes últimos decénios, mas o mesmo deu-nos força afirmando que “a partir desta experiência de deserto, deste vazio, podemos novamente descobrir a alegria do crer, a sua importância vital para nós, homens e mulheres. No deserto descobre-se o valor daquilo que é essencial para viver” (*Homilia*, 11.X.2012). No deserto, como a mulher samaritana, vai-se em busca de água e de um poço de onde tirá-la: Ditoso o que nele encontra Cristo!

### **12. Contemplando o mistério e próximos dos pobres**

O primeiro (símbolo de autenticidade) é constituído pelo dom e a experiência da contemplação. Só a partir de um olhar adorador ao mistério de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, só desde a profundidade de um silêncio que se põe como seio que acolhe a única Palavra que salva, se pode desenvolver um testemunho credível para o mundo... O outro símbolo de autenticidade da nova evangelização tem o rosto do pobre. Estar próximo de quem está na beira do caminho da vida não é apenas exercício de solidariedade, mas antes de mais um feito espiritual...

### **13. Uma palavra às Igrejas das diversas regiões do mundo**

Uma consideração particular, cheia de afecto e gratidão, reservamos para vós, cristãos das *Igrejas Orientais Católicas*, herdeiras da primeira difusão do Evangelho... Dirigimo-nos a vós que viveis em *África*... Os bispos da Assembleia sinodal convidam os cristãos da *América do Norte* a responder com alegria ao apelo da nova evangelização, enquanto admiramos como na vossa jovem história as vossas comunidades cristãs deram frutos generosos de fé, caridade e missão. Também convém reconhecer que muitas das expressões da cultura da vossa sociedade estão longe do Evangelho... O mesmo sentimento de gratidão se dirige às Igrejas da *América Latina e do Caribe*. Chama-nos a atenção em particular como se desenvolveram através dos séculos nos vossos países formas de piedade popular, de serviço na caridade. Agora, perante os desafios do presente, como a pobreza e a violência, exortamo-vos a viver num estado permanente de missão, anunciando o Evangelho com esperança e alegria, formando comunidades de discípulos missionários de Jesus Cristo, mostrando o vosso testemunho como fonte de uma sociedade justa e fraterna.

Também a vós, cristãos da *Ásia*, sentimos a necessidade de vos dirigir uma palavra de fortalecimento e exortação. A vossa presença, apesar de ser uma pequena minoria no continente em que vivem quase dois terços da população mundial, é uma semente profunda... Os bispos da Assembleia sinodal saúdam os povos da *Oceania*, que vivem sob a protecção do Cruzeiro do Sul, e lhes damos graças pelo testemunho do Evangelho de Jesus...

Nós, bispos, queremos dirigir uma palavra de reconhecimento e de esperança às Igrejas do *continente europeu*, hoje em parte marcado por uma forte secularização, às vezes agressiva, e contudo hoje ferida pelos longos decénios de governos marcados por ideologias inimigas de Deus e do homem. Reconhecemos o vosso passado e também o vosso presente, no qual o Evangelho criou na Europa certezas e experiências de fé concretas e decisivas para a evangelização do mundo inteiro, muitas vezes transbordantes de santidade: riqueza do pensamento teológico, variedade de expressões carismáticas, formas variadas ao serviço da caridade para com os pobres, profundidade de experiências contemplativas, criação de uma cultura humanística que contribuiu para dar rosto à dignidade da pessoa e à construção do bem comum. As dificuldades do presente não nos podem deixar abatidos: estas devem-nos desafiar para um anúncio mais alegre e vivo de Cristo e do seu Evangelho.

#### 14. *A estrela de Maria ilumina o deserto*

A figura de Maria orienta-nos no caminho. Este caminho, como nos disse Bento XVI, poderá parecer uma rota no deserto; sabemos que temos de o percorrer levando connosco o essencial: *a proximidade de Jesus, a verdade da sua Palavra, o pão eucarístico que nos alimenta, a fraternidade da comunhão eclesial e o impulso da caridade*. É a água do poço que faz florir o deserto e como na noite no deserto as estrelas se tornam mais brilhantes, assim no céu do nosso caminho resplandece com vigor a luz de Maria, estrela da nova evangelização.

## II - *Perspectivas* da Exortação Apostólica: “**A ALEGRIA DO EVANGELHO**” (24.XI.2013):

Como é tradicional, os frutos dos Sínodos dos Bispos são recolhidos numa Exortação Apostólica do Papa, como aconteceu desta vez com “A Alegria do Evangelho” (*Evangelii Gaudium*), embora neste caso sem o adjectivo de “pós-sinodal”, tal como já aconteceu com a *Evangelii Nuntiandi* de 1975, porque vai mais além do Sínodo correspondente. De facto, o Papa Francisco sublinha que “aceitei com gosto o pedido dos Padres sinodais de redigir esta Exortação (*Proposição*, nº1). Ao fazê-lo, recolho a riqueza dos trabalhos do Sínodo” (nº16). Como pode constatar-se são recolhidas com certa austeridade 28 das 58 proposições sinodais, dado que Francisco tem como interesse primário nesta Exortação “expressar as preocupações que me movem neste momento concreto da obra evangelizadora da Igreja” (nº16). Por isso, converte-se no documento-programa deste Papa!

E neste contexto esta Exortação é um documento excepcional. Com efeito, excepcional porque nunca um Papa tinha escrito com tanta radicalidade que a Igreja deve pôr-se em estado de missão e que para realizá-lo afirma - quinze vezes - que deve fazê-lo mediante a reforma e a renovação eclesial. Por isso, propõe-se como mais relevante a nível institucional: uma “descentralização” das competências de Roma às Igrejas locais com um novo exercício do primado promovendo a colegialidade; a incorporação dos leigos e das mulheres em lugares de decisão; uma pobreza visível e uma perceptível “opção” pelos pobres: eis o núcleo deste programa da reforma de longo alcance!

O centro da Exortação é “a transformação missionária da Igreja; a Igreja em saída” que comporta uma “pastoral da conversão” na qual “já não nos serve ‘uma simples administração’” (n.ºs. 25-33). Tal renovação parte “do coração do Evangelho” e é aqui que descreve com notável finura teológica a

questão da “hierarquia de verdades na doutrina católica” – citação do Vaticano II corroborada aqui com quatro citações de São Tomás de Aquino! - onde se formula o “núcleo ou essência fundamental” do Evangelho: “*a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado*” (nº36), com uma conclusão clarificadora onde se critica quando: “se fala mais de lei que da graça, mais da Igreja que de Jesus Cristo, mais do Papa que da Palavra de Deus” (nºs. 34-36). E além disso recorda que “São Tomás de Aquino destacava que os preceitos dados por Cristo e pelos Apóstolos ‘são pouquíssimos’. Já Santo Agostinho advertia que os preceitos acrescentados pela Igreja posteriormente se devem exigir com moderação” (nº43).

Por isso, a Igreja deve apresentar-se como “uma mãe de coração aberto” (nºs. 46-49), lugar onde se incorpora um ponto dedicado à Eucaristia, notável pela fundamentação patrística aportada – coisa não habitual neste tipo de documentos! -, certamente para que não apareça como um tema puramente conjuntural, mas que está bem baseado no pensamento cristão do primeiro milénio eclesial, época dos dois Padres da Igreja citados, ao escrever com precisão: “A Eucaristia, se bem que constitui a plenitude da vida sacramental, não é um prémio para os perfeitos mas antes um generoso remédio e um alimento para os débeis” (afirmação reforçada por três citações patrísticas de Santo Ambrósio de Milão e São Cirilo de Alexandria). Citações às quais o Papa acrescenta esta reflexão: “Estas convicções também têm consequências pastorais que somos chamados a considerar com prudência e audácia. Frequentemente comportamo-nos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega, é a casa paterna onde há lugar para cada um com a sua vida às costas” (nº 47). Trata-se dum pista possível para a questão da recepção ecuménica da Eucaristia e, por seu lado, para matrimónios ‘desfeitos’ com firme vontade cristã? (cf. o lúcido artigo, por encomenda do Papa, de W. Kasper, *O Evangelho da família*, Sal Terrae, 2014, à reunião do consistório de cardeais de 20.II.2014).

Sobre a família constata-se que “atravessa uma crise cultural profunda, como todas as comunidades e vínculos sociais. No caso da família, a fragilidade dos vínculos torna-se especialmente grave porque se trata da célula básica da sociedade, o lugar onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer a outros, e onde os pais transmitem a fé aos seus filhos. O matrimónio tende a ser visto como uma mera forma de gratificação afectiva que pode constituir-se de qualquer maneira e modificar-se de acordo com a sensibilidade de cada um. Mas o contributo indispensável do matrimónio à sociedade supera o nível da emotividade e o das necessidades circunstanciais do casal. Como ensinam os Bispos franceses, não procede ‘do sentimento amoroso, efémero por definição, mas da profundidade do compromisso assumido pelos esposos que aceitam entrar numa união de vida total’” (nº66). O individualismo pós-moderno y globalizador favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos familiares. A acção pastoral deve mostrar melhor todavia que a relação com o nosso Pai exige e encoraja os vínculos interpessoais...” (nº67).

Sobre os leigos recorda-se que: “A tomada de consciência da responsabilidade laical não se manifesta da mesma maneira, seja porque não se formaram para assumir responsabilidades importantes, ou por não encontrar espaço nas suas Igrejas particulares para poder exprimir-se e actuar, com origem num excessivo clericalismo que os mantém à margem das decisões. A formação de leigos e a evangelização de grupos profissionais e intelectuais constituem um desafio pastoral importante”(nº102).

**APÉNDICE: AFIRMAÇÕES COMPLEMENTARES DE “A ALEGRIA DO EVANGELHO” (pistas também para o CPM hoje?)**

**A- SOBRE A MISSÃO EVANGELIZADORA E MISSIONÁRIA DE TODA A IGREJA:**

+“Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo’ (Bento XVI, *Deus Caritas est*)”, nº7.

+“Na doação, a vida se fortalece; e se enfraquece no comodismo e no isolamento. De facto, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar a vida aos demais”, nº10.

- +“A Igreja não cresce por proselitismo mas ‘por atracção’ (CELAM, *Aparecida*, 2007)”, nº14.
- +“A alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária”, nº21.
- +“A Igreja «em saída» é a comunidade de discípulos missionários que «primeireiam», que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. *Primeireiam* – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. *1 Jo* 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos”, nº24.
- +“A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da actividade evangelizadora e fonte dum renovado impulso para se dar”, nº24.
- +“É verdade que, nalguns lugares, se produziu uma «desertificação» espiritual... E a própria família ou o lugar de trabalho podem ser também o tal ambiente árido, onde há que conservar a fé e procurar irradiá-la. Mas «é precisamente a partir da experiência deste deserto, deste vazio, que podemos redescobrir a alegria de crer, a sua importância vital para nós, homens e mulheres. No deserto, é possível redescobrir o valor daquilo que é essencial para a vida; assim sendo, no mundo de hoje, há inúmeros sinais da sede de Deus, do sentido último da vida, ainda que muitas vezes expressos implícita ou negativamente. E, no deserto, existe sobretudo a necessidade de pessoas de fé que, com suas próprias vidas, indiquem o caminho para a Terra Prometida, mantendo assim viva a esperança». (Bento XVI)”, nº86.
- +“Não pode haver verdadeira evangelização sem o *anúncio explícito* de Jesus como Senhor”, nº110.
- +“Ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isto sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho”, nº127.
- +“É preciso repetir que ‘os mais favorecidos devem renunciar a alguns dos seus direitos, para poderem colocar, com mais liberalidade, os seus bens ao serviço dos outros’ (Paulo VI, *Octogesima adveniens*, 1971)”, nº190.
- +“Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus «manifesta a sua misericórdia antes de mais» a eles”, nº198.
- +“Como crentes, sentimo-nos próximo também de todos aqueles que, não se reconhecendo parte de qualquer tradição religiosa, buscam sinceramente a verdade, a bondade e a beleza, que, para nós, têm a sua máxima expressão e a sua fonte em Deus”, nº257.
- +“Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e acções sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração... É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à actividade”, nº262.
- +“É verdade que muitas vezes parece que Deus não existe: vemos injustiças, maldades, indiferenças e crueldades que não cedem. Mas também é certo que, no meio da obscuridade, sempre começa a desabrochar algo de novo que, mais cedo ou mais tarde, produz fruto... Cada dia, no mundo, renasce a beleza, que ressuscita transformada através dos dramas da história”, nº276.
- +“Às vezes invade-nos a sensação de não termos obtido resultado algum com os nossos esforços, mas a missão não é um negócio nem um projecto empresarial, nem mesmo uma organização humanitária, não é um espectáculo para que se possa contar quantas pessoas assistiram devido à nossa propaganda. É algo de muito mais profundo, que escapa a toda e qualquer medida... e nós gastamo-nos com grande dedicação, mas sem pretender ver resultados espectaculares. Sabemos apenas que o dom de nós mesmos é necessário. No meio da nossa entrega criativa e generosa, aprendamos a descansar na ternura dos braços do Pai. Continuemos para diante, empenhemo-nos totalmente, mas deixemos que seja Ele a tornar fecundos, como melhor Lhe parecer, os nossos esforços.”, nº279.

## B- UMA RENOVAÇÃO ECLESIAL INADIÁVEL, nº27.

- A- “O Concílio Vaticano II apresentou a conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo: «Toda a renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação. (...) A Igreja peregrina é chamada por Cristo a esta reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma» (UR 7)”, nº26.
- B- O *Bispo* pode ir à frente, no meio, ou atrás do povo, e deve “escutar a todos e não apenas a alguns sempre prontos a lisonjeá-lo”, nº31; sobre a forma de exercer o *Papado*: “temos avançado pouco”; sobre a *Colegialidade episcopal*: que o “sentimento colegial se aplique”; “Uma centralização excessiva, em vez de ajudar, complica a vida da Igreja”, nº32.
- C- A *Igreja* “Precisamente nesta época, inclusive onde são um ‘pequenino rebanho’ (Lc 12,32), que seja *sal da terra e luz do mundo* (cf. Mt 5,13-16)”, nº92; “precisamos de *criar espaços apropriados para motivar e sanar os agentes pastorais* ‘lugares onde regenerar a sua fé em Jesus crucificado e ressuscitado, onde partilhar as próprias questões mais profundas e as preocupações quotidianas, onde discernir em profundidade e com critérios evangélicos sobre a própria existência e experiência, com o objectivo de orientar para o bem e a beleza as próprias opções individuais e sociais’”, nº77 [*aplicável ao CPM?*].+++